

Para cubano a saída da dívida é apenas política

DEOLINDA SARAIVA
Correspondente

Rio — A dinâmica econômica dos países latino-americanos depois do fracasso dos ajustes propostos pelo Fundo Monetário Internacional demonstra que a saída para a dívida externa é política e está precipitando um acordo em bloco de todos os devedores da América Latina. A conclusão é do economista cubano Alfonso Casanova Montero, professor da Universidade de Havana e membro da Associação dos Economistas da América Latina e Caribe.

Montero veio ao Brasil a convite do Conselho Federal de Economia para fazer palestras em diversas instituições e participar do 7º Congresso Brasileiro de Economia, de 22 a 26 de setembro em Belo Horizonte. Em entrevista, fez um balanço da situação dos países latino-americanos frente à dívida externa e falou sobre a economia cubana depois da moratória decretada por seu governo em 1986.

A dívida externa cubana, disse, corresponde hoje a 20 por cento do PIB e está em 4 bilhões de dólares. A moratória, segundo Montero, foi consequência da queda de divisas em Cuba, ocasionada principalmente pela ausência de entrada de recursos externos e pela perda de receita das exportações de açúcar e petróleo, com a queda dos preços desses produtos no mercado internacional (Cuba produz 6,29 milhões de barris de petróleo anualmente e reexporta

petróleo comprado da União Soviética).

Atualmente, observou, o governo cubano tenta obter prazos mais longos com bancos da Espanha, Japão e Canadá — principais credores —, além de México e Argentina, cujos bancos comerciais também detêm parte dos títulos da dívida cubana. De acordo com o economista, a moratória complicou a situação comercial externa do país e reduziu as linhas de crédito internacionais para exportação, mas simultaneamente permitiu a Cuba reduzir a remessa de divisas.

Na opinião de Montero, a situação econômica dos países latino-americanos está se deteriorando, apesar de todos os ajustes internos do receituário do FMI para que pudessem financiar suas dívidas. “O problema se acumulou nos anos 80 e houve um retrocesso no nível de vida”, disse.

Montero acredita que não há mais condições de se tentar uma solução técnica ou financeira para a dívida, apesar de reconhecer não ser possível adotar-se padrões comuns de renegociação para todos os países. “É necessário uma solução política e é possível estabelecer-se critérios que podem ser adotados em bloco”, acentuou. Ele prevê um papel fundamental para o Brasil nessa negociação: “O Brasil é líder natural pelo peso de sua dívida e o passo que der será decisivo para o encaminhamento das negociações dos outros países latino-americanos”, lembrou